
O Baptismo, sacramento da Fé

O primeiro dos sete sacramentos exige reflexão, aprofundamento e questionamento pastoral. Não é fácil deduzir normas pastorais concretas para a questão do baptismo das crianças e do modo como administramos hoje este sacramento. Nós começaremos por situar este sacramento na *Iniciação Cristã*, procurando depois as suas origens e significado. Daremos longo espaço a algumas questões importantes: a relação baptismo/fé, a sua necessidade para a salvação e o problema do baptismo de crianças.

I - O Baptismo e a Iniciação cristã:

Não é por acaso que o Ritual do Baptismo de crianças comece logo no princípio por apresentar os preliminares gerais da Iniciação Cristã. De facto este é o horizonte e o contexto em que devemos situar, para começar, a nossa reflexão sobre o Baptismo, “*porta da vida e do Reino*”. Isso exige antes de mais algumas breves considerações sobre a *Iniciação Cristã (=IC)*.

Trata-se de conhecer o conjunto de elementos de acção e celebração em ordem a inserir a pessoa:

- *no mistério de Cristo,
- *no mistério da Igreja de Cristo
- *e no mistério da vida nova do Homem em Cristo.

A IC é iniciação à vida da fé na comunidade cristã por sinais e sacramentos que exigem posturas novas. Vejamos algumas destas coordenadas:

1.Histórico-salvífica: a IC tem como finalidade iniciar a pessoa na história da salvação, dentro da qual se insere a história decisiva e pessoal de cada um. Deus é o grande iniciador que toma a iniciativa, ao trabalhar o coração do Homem que lhe responde na fé. Não se trata apenas de uma iniciação de carácter intelectual, como se tratasse de conhecer os “segredos” em ordem à ingressão num grupo secreto. Não. Trata-se, sim, de conhecer a história de salvação, querer inserir-se nela através do encontro pessoal com Cristo que se realiza no sacramento. Na base da IC está a oferta amorosa e gratuita de Deus. E é uma iniciação que supõe andamento, crescimento, progresso, vida ...

* Existencial: a IC não se reduz a uma experiência cultural. Envolve o homem todo, na sua experiência de Vida. Trata-se de convidar a entrar no mistério de Cristo e na comunhão com Ele. A IC não é somente ensino mas quer propôr, confessar, celebrar, testemunhar. Porque a fé inclui a dimensão do conhecimento, da celebração, da comunidade e do testemunho ...

* eclesial-comunitária: ser cristão é fazer comunidade com Cristo e em Cristo e com os que crêem em Cristo. A IC exige iniciação à vida da fé em comunhão ... iniciação à comunhão onde se vive a fé. A Igreja não é um mero grupo social. É realidade histórica e comunitária em que toma corpo visível e comunitário o mistério da comunhão de Deus com os Homens. E é preciso relembrar sempre que a Igreja é Koinonia (comunhão), liturgia (celebração), martyria (testemunho) e diakonia (serviço).

Por isso urge descobrir a Igreja como comunidade de irmãos corresponsáveis e iniciar à missão da Igreja encarnada no mundo, santa e pecadora, una e dividida. A IC é iniciação à Igreja, ao ser Igreja e ao assumir a missão da Igreja. Tal iniciação deve ser feita pela Igreja, comunidade que gera novos filhos e se regenera nesta iniciação. Por isso é importante articular as etapas da IC com a comunidade segundo os tempos do ano litúrgico para que a comunidade viva a iniciação.

3. Histórico-gradual: é uma iniciação dirigida a uma história pessoal, que implica a passagem a uma fé evangélica e eclesial que exige tempo. É preciso tempo para crer e se fazer cristão.

4. Objectiva: há um caminho preciso institucionalizado na prática da Igreja, que passa por diversas fases e segundo diversos ritos. Ninguém faz a IC que quer ...

5. Sacramental: esta iniciação supõe os três sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. São sacramentos que constituem o cristão e fundam a comunidade. Eles introduzem o homem na vida cristã, configurando e modelando o crente progressivamente a Jesus Cristo mediante a regeneração para a vida nova em Cristo (Batismo), o dom pentecostal do Espírito para aperfeiçoamento da vida baptismal (Confirmação) e mediante a participação na mesa do Senhor (Eucaristia), em ordem à participação no sacrifício de Cristo e à comunhão com todos.

II - A Origem do Batismo Cristão:

Interessa-nos esta questão para descobrirmos o sentido originário deste sacramento. Além do mais é uma questão de interesse, porque tem a ver com os nossos fundamentos.

O problema começa quando pomos em confronto dois factos: Jesus não baptizou e a comunidade cristã baptizou. Porquê? Porque a Igreja recebeu o mandato do Ressuscitado. A questão complica-se quando exegetas põem em questão o carácter adicional do relato de Mc. 16 e o carácter tardio da fórmula trinitária em Mt. 28, 18-20 ...

Mas interessa-nos então ver onde encontrou a comunidade cristã o modelo para o baptismo cristão?

Sabemos que na génese do baptismo cristão está o movimento profético-penitencial e popular de João que tem seu significado simbólico no facto de Jesus ter sido baptizado por João. Algumas características do baptismo de João fazem dele o modelo próprio do baptismo cristão e não outros modelos: é um baptismo de *conversão* e de preparação para o dia do Juízo, não é *auto-baptismo*, dirige-se a todo o Israel, desvaloriza a circuncisão e acentua a *dimensão escatológica* (preparação para a vinda do Reino de Deus) ...

Como se fez a passagem do baptismo de João ao baptismo cristão?

- há uma coincidência de situação: tanto o baptismo de João como o baptismo cristão tinham uma componente eclesiológica e escatológica: para João tratava-se de reunir o povo em ordem ao dia do Juízo; para a comunidade cristã tratava-se de formar o novo e definitivo povo de Deus. A comunidade apropriou-se deste sinal do baptismo porque ele efectivamente dava visibilização a estas duas intenções ...

Jesus foi baptizado por João, o que significa que Jesus assume o seu apelo à conversão para o Reino de Deus, mas radicaliza este apelo exigindo *metanoia*, porque o Reino de Deus está n'Ele.

Então a comunidade cristã retoma o baptismo de João e muda-lhe a escatologia: já não em ameaças e dias de Juízo mas na perspectiva do Reino da Paz, libertação e graça, inserindo-se na comunidade de Jesus que é o novo Povo de Deus. Jesus não terá baptizado porque só depois da Páscoa desapareceria o perigo de confundir a mensagem de João e de Jesus...

Mas há uma diferença radical que distingue os dois baptismos. É que o baptismo da comunidade cristã é um Baptismo "*em nome de Jesus*".

III- Ser Baptizado no Nome de Jesus - que significa?

Ser baptizado no nome de Jesus é uma confissão de fé. Pois o *nome* é símbolo da pessoa e todo o acontecimento de salvação que se liga a essa

pessoa. Assim, é-se baptizado em referência a todo o acontecimento salvífico de Jesus.

Assim, ser baptizado no nome do Senhor Jesus significa:

- a inserção (enxertia) na comunhão de vida com Cristo;
- a entrega do baptizado a Jesus Cristo como Senhor e assim ficar a pertencer a Ele.

Ora, isto implica seguir a Jesus Cristo na obediência, no amor a Deus e aos irmãos, seguir a Jesus Cristo no seu projecto histórico.

3.1 O Baptismo reveste-nos de Cristo

Cristo torna-se a fonte de vida do baptizado, da sua existência no mundo com Deus e com os outros.

Revestir-se de Cristo (Gal. 3, 27) significa assemelhar-se a Ele, adoptar as qualidades de Cristo. Todos os cristãos, sem distinção, recebem no baptismo a qualidade de filhos de Deus. Mas esta qualidade não é uma realidade completa. Por isso é preciso a acção e uma exigência a comportarmo-nos como filhos de Deus e irmãos uns para os outros. É preciso realizar por acções aquilo que se é por dom. Os dons de Deus são dinâmicos e históricos, voltados para uma plenitude futura.

3.2. O Baptismo na morte de Cristo

O baptismo coloca o homem dentro da obra salvífica de Deus e liga o seu destino com o da vida de Jesus Cristo, determinada pela Cruz, Morte e Ressurreição.

Somos baptizados na morte e ressurreição de Jesus:

- o baptismo sempre apareceu ligado à Ressurreição, ao seu anúncio, tornando-se memorial e actualização deste mistério pascal, realizando a entrada nos tempos novos e renovando o homem pela comunhão com Cristo. É uma renovação em germen, pedindo actualização permanente, acolhimento contínuo do dom gratuito do Pai no seu Filho pelo Espírito. Isto supõe acolhimento da Palavra de Deus, como alimento fecundo de inovação permanente, palavra dialógica e interpelativa ...

- o baptismo está ligado ao anúncio de Cristo, como Salvador único e universal da história. O baptismo actualiza este amor gratuito e soberano de Deus em relação a uma pessoa. O baptismo renova a aliança do Homem com Deus, por Jesus, Cabeça da Igreja. Nasce uma relação filial em que o cristão

se permite participar na relação íntima do Filho com Deus e assim ser introduzido na unidade do Espírito Santo.

- o baptismo insere-nos numa comunidade de crentes que têm à sua cabeça Cristo-Senhor, que cuida da sua Igreja. Situado numa comunidade o cristão não vive a sua fé isoladamente mas será com-por-para os outros.

O baptismo na morte e ressurreição de Cristo liga o homem ao destino de Cristo, solidariza-o com a sua morte e Ressurreição.

Que significa ser baptizado na morte e Ressurreição de Cristo?

1) O cristão participa e é convidado a imitar o oferecimento de Cristo ao Pai. Cristo vem fazer a vontade do Pai, solidariza-se com os Homens e com Deus. A cruz torna-se a síntese da sua Vida. O seu sacrifício é expressão do seu sacerdócio em ordem a formar um povo sacerdotal. O baptismo celebra este acontecimento que abrange o homem todo. (Ap. 7, 3-14: a comunidade nasce do sangue de Cordeiro; Heb. 10, 19-22: baptismo associa ao sacrifício de Cristo; Rom. 6, 3-5: morrer com Cristo para levar uma vida nova; Col. 2, 12: pelo baptismo a Ressurreição é acontecimento já presente).

2) O cristão participa do sacerdócio comum dos fiéis: Unindo a si a multidão dos crentes, Jesus dá-lhes a graça de participar na sua união-comunhão filial com Deus e de fazerem da sua vida uma oblação, autodoação, entrega, dádiva ...

O sacerdócio comum dos fiéis (que provém do baptismo) exerce-se em tudo o que é vida em Cristo. Alguns exemplos:

- a) obediência à vontade de Deus;
- b) serviço fraterno aos irmãos , porque Cristo foi solidário;
- c) missão profética (acolhimento, pregação e testemunho da Palavra);
- d) sacerdotes com Cristo para a realização do reino no mundo (missão real);
- e) participação consciente, plena e activa na celebração da Palavra e dos sacramentos, sobretudo da Eucarístia ...

3.3. Dinamismo trinitário da existência baptismal

- Somos baptizados em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo (Mt. 28,18-20)

Enquanto relacionado ao Pai, como Filho adoptivo, o cristão está chamado a reflectir em si o que é próprio do Pai: amor amante. Assim, e só

assim, o cristão pode amar com a gratuidade e com a criatividade do amor do Pai, que só por si não seria possível. Trata-se de viver na caridade.

Enquanto no baptismo o cristão é incorporado ao Filho, está chamado a ser o que é próprio do Filho: o amor amado = receptividade do Filho. Nisto consiste fundamentalmente a fé: acolhimento do dom de Deus. Crer é deixar-se amar por Deus, “*deixar-se fazer prisioneiro do Invisível*” como dizia Lutero.

Enquanto no baptismo o cristão é cheio do Espírito, deve reflectir na sua vida o que é próprio do Espírito: ser instrumento de unidade e abertura ao amor na liberdade e penhor de plenitude de salvação. Nisto consiste a esperança. A esperança une o presente ao futuro de Deus, abre o coração à novidade. Podemos dizer que a esperança dá criatividade ao amor e coragem à fé. Por isso exprime-se em gestos de fé e amor.

IV - Baptismo no Espírito

É desde o Pentecostes que o baptismo cristão é qualificado como “baptismo no Espírito”. Agora a acção do Espírito está operante e revelar-se-á em todos os que, acreditando em Cristo, receberam o baptismo (Act. 2, 15-21, 38-41).

Já no próprio baptismo de Jesus por João é posta em realce a presença e a acção do Espírito.

A manifestação do Espírito faz ver claramente que no baptismo de Jesus se inicia uma nova história: a história do mundo novo que encontra o seu desenvolvimento primeiro e fundamental na história do próprio Cristo. Toda a história de Cristo aparece como uma fidelidade àquilo que o seu baptismo no Espírito indicava: filiação divina e missão.

A doação do Espírito faz do baptismo o ponto de inserção na história da salvação. O baptismo inicia e actualiza a história da salvação (cf. Act. 2).

O baptismo inicia a existência no espírito. A nova vida não é só oferta, dom. É também compromisso e tarefa. O NT ao sublinhar a relação Baptismo--Espírito põe em relevo que o Baptismo não é um facto de salvação individual mas o caminho de acesso para a integração na comunidade e qualifica a Igreja como comunidade de *salvos*. É o Espírito que no Baptismo transforma o homem em nova criatura. Somos pelo Espírito regenerados para uma vida nova.

O cristão é templo do Espírito Santo, habitação de Deus. Daí a dignidade do corpo humano e o seu papel de comunicador do amor ...

É pelo Espírito, que podemos chamar a Deus, “Pai”. Somos filhos de Deus pelo Espírito Santo, mediante o Baptismo ... Nascido para uma vida filial, os baptizados nascem também para a vida fraterna (e para) na Igreja. Ligado ao Filho e ao Pai no Espírito, todo o Filho de Deus é intimamente solidário com quantos vivem as mesmas relações vitais...

V - O Baptismo e a comunidade de salvação

O Novo Testamento põe também em relevo que o baptismo não é um facto de salvação puramente individual:

- Há um caminho necessário para fazer parte da comunidade (cf. Act. 2, 41. 47);
- Como acontecimento salvífico que constrói a Igreja e a qualifica na sua natureza e na sua razão de ser. O Baptismo tem uma dimensão comunitária. A Igreja é uma Igreja baptismal ou comunidade de salvação.

Pelo baptismo o crente é “agregado” à comunidade. O baptismo diz respeito primariamente à comunidade. É mediante o baptismo que a Igreja é fundamentalmente o que deve ser: comunidade de gente salva, comunidade de salvação.

A I Cor.12 situa o baptismo na comunidade dos carismas. Como esta comunidade vive na “revelação do Espírito” o qual dá a cada um seu próprio ministério, assim os homens através do baptismo são integrados nesta comunidade e é-lhes assinalado um serviço particular. A Igreja é pois uma comunidade nascida no baptismo e animada pelo Espírito baptismal. Por isso deve ser dócil a acção do Espírito. Não é o espírito que está ao serviço da estrutura mas o contrário.

VI- O baptismo e o pecado original

Em Jesus Cristo é aberto ao homem um novo início, uma nova história, um novo espaço de vida em que entra pelo baptismo. Assim, no baptismo somos libertados dos poderes não salvíficos (pecado, morte, trevas) a que em linguagem tradicional chamamos pecado original. Passamos ao “senhorio”

libertador de Jesus. Ele torna-se o critério e conteúdo da nossa vida. O espaço de vida que é aberto por Jesus Espírito é concretamente a Igreja. A nova vida é a liberdade em Jesus Cristo que nos liberta para o serviço do amor.

VII- Algumas questões sobre o Batismo

7.1. O Batismo, Sacramento da Fé: Qual a relação Fé-Batismo!

No Novo Testamento não encontramos apenas esta sequência: anúncio-fé-batismo, como se estas etapas estivessem rigorosamente delineadas. Os dados do NT são mais complexos que o suposto. Esta relação fé-batismo é tal que S. Paulo atribui por vezes o mesmo dom salvífico tanto à fé como ao batismo. Segundo o NT não há dúvidas quanto à relação íntima e indissolúvel entre fé e batismo. Fé e batismo constituem um único acontecimento total pelo qual o Homem é libertado do pecado e é colocado sob o domínio de Cristo.

Um estudo sobre a relação fé-batismo mostra como no NT se apresentam 3 modelos na relação entre fé-batismo:

1º A fé conduz ao batismo e encontra nele a forma mais adequada e a expressão mais visível. Aqui a fé precede o batismo e acompanha-o;

2º O batismo fomenta um novo início de fé;

3º O batismo dá a fé: tal é o sentido das afirmações em que o batismo é descrito como “*iluminação*”. O batismo abre o olhar do homem para a Luz que é Cristo. A fé pode e deve seguir (-se) ao batismo.

É um erro ver a fé e o batismo como duas alternativas ou escolhas autónomas, pois são faces da mesma moeda, dois aspectos de um mesmo acontecimento. Na verdade a fé é já sacramental enquanto orienta para o batismo e enquanto é acontecimento de graça na vida da pessoa e enquanto acontece mediante o testemunho da comunidade. E o batismo explicita a fé e dá origem à fé. Ele é sacramento da fé enquanto exprime e realiza aquela inserção em Cristo e na Igreja a que se chegou pela fé.

Caberia então perguntar: *como é o batismo de crianças “sacramento da fé”?*

No Batismo de crianças joga papel primário a fé da Igreja. É a própria Igreja que se manifesta no Batismo como mãe da fé, no sentido de que esta fé não se identifique com fé pensada, teórica ou intelectual, mas se identifique com fé existencial, que é o ser em Cristo e com Ele. Neste caso a

fé reveste a sua dimensão passiva de “acolher” de se “deixar amar” e de “deixar-se receber”. O ser inserido em Cristo é-nos dado e visibilizado pelo “ser acolhido na comunhão de fé em Cristo, que é a Igreja”. A inserção na comunidade de fé é parte integrante da fé existencial do ser em Cristo. Neste sentido se diz que as crianças são baptizadas na fé da Igreja.

E isto não no sentido de que a Igreja se substitua à fé das crianças. Baptizar as crianças na fé da Igreja não significa substituição mas *representação*. Significa que a criança é recebida numa comunidade de fé e o compromisso da comunidade na formação e educação da fé. Assim a presença de pais e padrinhos significa que eles “representam” (=tornam presente) a comunidade de fé que acolhe as crianças e que se responsabiliza pelo desabrochar do dom gratuito que lhe foi confiado antecipadamente.

Podíamos tirar algumas conclusões a respeito daqueles que objectam que o baptismo das crianças atenta à relação fé-baptismo.

1º Dum ponto de vista bíblico e dogmático, o baptismo de crianças é um uso possível e legítimo. O terceiro modelo das relações fé-baptismo, a que nos referimos atrás, faz ver como o primeiro início da nova vida não depende de pré-realizações humanas, nem do acto consciente de fé, mas somente da livre iniciativa e da acção de Deus. Não só o baptismo mas também a fé é dom. No acontecimento baptismal é o próprio Deus que age, enquanto é Ele que pelo Espírito Santo dá uma fé cristã e plena. N’Ele se exprime, em dimensão visível e eclesial, o dom da inserção numa existência na história da salvação em Cristo. Se se reconhece isto, em princípio não há motivo dogmático sério, para negar esta graça à criança. Neste sentido, o baptismo da criança é o testemunho da gratuidade absoluta da eleição e do amor de Deus que nos precede (H. Kung).

2º Todo o dom de Deus implica um empenho ou missão da parte do homem. No novo início do baptismo permanece a obrigação de o tornar pessoal e vivê-lo sempre de novo. A Igreja, enquanto comunidade de fé e de graça, como cada um dos seus membros - sobretudo através dos pais - , tem obrigação de velar, exigir e procurar que a relação fé-baptismo seja conservada na prática do melhor modo possível, que o ser em Cristo do neo-baptizado possa exprimir todas as suas potencialidades. O baptismo de crianças só tem sentido num ambiente de fé como já o reconhecia o Concílio de Trento ao proibir que fossem baptizadas as crianças filhas de infiéis. Portanto, ao afirmar a possibilidade e legitimidade do baptismo de crianças não se quer justificar a práxis tornada tradicional ou fechar as portas a uma nova práxis pastoral. Trata-se de uma questão que pertence à pastoral esclarecer e resolver

em função das condições sociais e eclesiais duma região ou época. A última palavra pertence ao juízo pastoral da Igreja (W. Kasper).

3º Não se deve esquecer que o baptismo, mesmo reconhecido na plenitude da sua sacramentalidade, permanece sempre como sacramento do *início* da existência cristã, de certo modo comparável ao ingresso na vida humana pelo nascimento. Quer dizer, ser baptizados não significa estar já plenamente convertido, mas trata-se do início de uma existência cristã, isto é, crística e eclesial.

7.2. A necessidade do baptismo para a Salvação

A questão é velha e sofreu respostas muito diversificadas consoante o contexto histórico e eclesial em que surgiram. De facto, é doutrina bíblica e faz parte da prática da Igreja apostólica a questão da necessidade do baptismo, sobretudo quando se apela ao mandato de Jesus em baptizar (“quem não for baptizado não será salvo ... quem for baptizado será salvo”; “quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus”).

Pedro colocava a exigência do baptismo. O Concílio de Cartago (418), na polémica contra os pelagianos, acentuou o dogma do pecado original e a graça como meio de salvação e o baptismo como forma sacramental para libertar do pecado original. O problema ficou mal colocado porque só se falava do baptismo em ordem à salvação futura e sem qualquer relação com a vida presente, a inserção na Igreja e na história de salvação. Se era necessidade absoluta não se compreendia bem o lugar do baptismo na história da salvação e na *vontade salvífica universal de Deus* ... pois eram tantos os que não tinham sido baptizados ...

Diante desta vontade salvífica universal de Deus (I Tim. 2, 4) e se o único caminho era o baptismo, como era possível a Deus salvar todos os homens,

- quando havia catecúmenos mortos por causa da fé ...

- quando havia tantos que nunca ouviram nem conheceram o Evangelho?

À primeira situação respondia-se com o *baptismo de sangue*: realiza de forma existencial o que o Baptismo realiza de forma sacramental. Mas o argumento não servia para os que desconheciam o evangelho. Então falou-se em *baptismo de desejo*. Este consistia na orientação intrínseca para o baptismo de uma vida já tocada pela graça de Cristo ... o que também não respondia à questão. E a Teologia bem se esfalfou entre distinções vãs: necessidade absoluta, necessidade relativa ... até que Trento definiu que o

batismo é necessário pelo menos no sentido *em que não é deixado à livre escolha de cada um*.

Como quer que seja nós situamos a questão da necessidade em outros prismas.

Primeiro: estamos certos da vontade salvífica universal de Deus na convicção de que a graça de Deus não é prisioneira dos sacramentos.

Segundo: os sacramentos são necessários no sentido em que é necessária uma encarnação histórica e visível da salvação. Para quem conhece Cristo o sacramento é necessário para a inserção plena no seu mistério e na história da salvação. A *Gaudium et Spes*, n.22 fala precisamente daqueles em quem a graça opera ocultamente. Devemos olhar para o batismo muito para além da questão da salvação e da salvação da alma. Continuar a falar da necessidade do batismo para a salvação deve ser antes de mais uma exigência de evangelização, que comece no anúncio, provoque a conversão à fé e termine no pedido de batismo.

O batismo é essencial à Igreja para a sua regeneração e renovação, na medida em que o batismo confere vida nova e novos membros à comunidade cristã.

E as crianças mortas sem batismo?

Certamente já ninguém as dá por condenadas, pois nós não compreenderíamos assim o amor de Deus pela pessoa humana desde o seu princípio. Mas a questão mereceu polémica. Aliás o batismo de crianças era justificado pelo medo das crianças mortas sem batismo e pela questão do pecado original.

Mas sobre a sorte das crianças sem batismo nada diz a tradição mais antiga e a revelação bíblica. Somente na polémica contra os pelagianos se sentiu a necessidade de afirmar que todos nascem com pecado original e que a salvação é sobrenatural (dom de Deus) e que tal dom é dado no batismo. Sto. Agostinho falava de penas “mitigadas” para as crianças que morriam sem batismo. Depois veio a tese do batismo de desejo que se apoiava na solidariedade de fé. Mas as que não nasceram em ambientes cristãos? Sto. Anselmo faz aparecer a doutrina do Limbo. Tal doutrina nunca foi assumida pela Igreja mas serviu para atenuar a solução drástica de Sto. Agostinho. Era um estado de felicidade natural mas que excluía da visão beatífica de Deus. Trento não avançou nada e o Vat. II também situou-a em outros parâmetros; na medida em que acentuou a vontade salvífica universal de Deus passou ao lado da questão da necessidade do batismo de crianças.

O que é certo é que a questão do Limbo está pura e simplesmente arrumada no armazém dos acessórios teológicos, já caducos, pois não tem

qualquer fundamento bíblico nem histórico-salvífico. Importa sim acentuar os princípios atrás enumerados e que recapitulamos mais precisamente:

* Vontade salvífica universal de Deus;

* Cristo Redentor de todo o género humano: trata-se da solidariedade do género humano em Cristo que é radicalmente redimido por Cristo e, por conseguinte, chamado pelo seu Espírito à vocação sobrenatural (*cf. Gaudium et Spes, n. 22*).

* Deus não tornou a graça prisioneira dos sacramentos. Eles existem para os que aderiram a Cristo, como expressão visível da comunhão com Ele.

O *Documento do baptismo das crianças* diz que elas ficam confiadas à misericórdia de Deus que, graças a Deus, é maior que o nosso pecado.

7.3. *Baptismo de crianças e liberdade pessoal*

Além das objecções já referidas a propósito do baptismo das crianças, esta da liberdade é também frequente. O Baptismo não é uma hipoteca que compromete a liberdade da Criança? Poderão os pais, de consciência tranquila, hipotecar a liberdade para a vida inteira?

Nós responderíamos a esta questão afirmando quatro valores importantes que se buscam no baptismo das crianças:

1. No baptismo de crianças busca-se o reconhecimento do valor de “indivíduo”, de pessoa, a dar à criança, como ser que há-de ser amado em si mesmo, por si mesmo, reconhecendo à criança a sua dignidade própria e intransferível. O menino é antes de mais homem, pessoa, cuja dignidade não diminui em função da idade. Na sua pessoa e na sua história é chamada a construir um diálogo de relação com Deus, uma resposta ao seu plano criador e salvador. O menino é um homem que Deus chama pelo seu nome a ser seu interlocutor. A criança está envolvida pelo mistério inefável do grande amor de Deus em Jesus que se comunica pelo Espírito no Baptismo.

2. No baptismo de crianças procuramos celebrar a salvação de Jesus Cristo, oferecida gratuitamente a todo o homem, como salvação que liberta para o amor verdadeiro e autêntico.

3. No baptismo procuramos contribuir para a liberdade da criança conferindo-lhe um dom, como se lhe oferecem outros dons: o da vida, o do pão, o da cultura ... Colide esta oferta com a educação da liberdade e na liberdade que os pais são chamados a fazer? Respondemos com o artigo 263 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “*os pais têm por prioridade o direito de escolher o género de educação a dar aos filhos*”. No baptismo,

trata-se de oferecer à criança um dom que os pais consideram precioso para a vida dos filhos.

É importante ter em conta que a nossa liberdade é sempre uma liberdade situada num tempo, numa cultura, num espaço, numa família. A liberdade nunca parte de um zero neutral. Se o baptizar é condicionar a liberdade ... também o é não baptizar!

4. No baptismo procura-se inserir a pessoa numa comunidade de fé e de amor que é um espaço de liberdade: liberdade para ficar, liberdade para sair. Não é inserção numa seita, ghetto ou ideologia ...

Concluimos com G. Kretschmar: “nenhuma teologia e, com maior razão nenhuma directiva eclesiástica, estão autorizadas a excluir as crianças da comunhão com Cristo, de participar no Povo de Deus e, por conseguinte, da salvação, pela única razão de que são crianças.

Bibliografia

1. Catequeses:

“*Caminho para a vida*” p.214-224;

“*Eu sou o Vosso Deus*”, p. 60-61;

“*Vós sois meus amigos*”, p.62-65;

“*Queremos ver Jesus*” p. 199-208.

“*A fé explicada aos jovens e adultos*”, p.45-60.

“*Ritual do Baptismo de Crianças*”.

2. Para apoio e fundamentação teológica mais acessível há para leitura:

“*O Baptismo, sacramento da fé*”, Col. Cadernos “pedagogia da fé”, n.2;

“*Seis catequeses de preparação para o baptismo*”, col. Cadernos de apoio pastoral;

“*Preparai o meu Baptismo*”, col. Pastoral dos sacramentos, Ed. Patriarcado de Lisboa;

“*O Baptismo de crianças*”, Instrução da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, Ed. Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa 1980.

Índice

I. O Baptismo e a Iniciação cristã	1
II. A Origem do baptismo cristão	2
III. Ser baptizado no «nome de Jesus»	3
1. O baptismo reveste-nos de Cristo	4
2. O baptismo na morte de Cristo	4
3. O dinamismo trinitário da existência baptismal	5
IV. Baptismo no Espírito	5
V.O Baptismo e a comunidade de salvação	6
VI. O Baptismo e o pecado original	7

VII. Algumas questões sobre o batismo	
1. O Batismo, sacramento da fé	7
2. A necessidade do Batismo para a salvação	9
3. Batismo de crianças e liberdade pessoal	11
 Bibliografia	 13

cfoc.doc

